

O plágio, a cópia e a intertextualidade na produção acadêmica

Ivy Judensnaider*

Resumo

A ocorrência cada vez mais frequente do plágio nos trabalhos discentes enseja a discussão sobre a sua prática, em especial quando resultante da falta de compreensão sobre o real significado do caráter intertextual da produção acadêmica. Na investigação sobre os possíveis diálogos entre as várias camadas do texto científico, esse artigo procura estabelecer distância entre eles e a prática do plágio ou da cópia, assim o fazendo por meio da análise da construção de sentido a partir da leitura e da escrita como exercício da *leitura de mundo* e do processo dialógico entre discursos e sujeitos.

Palavras-chave: plágio, intertextualidade, produção acadêmica.

Plagiarism, copying and intertextuality in academic production

Abstract

The increasing occurrence of plagiarism in student works gives us the opportunity to discuss about its practice, especially when it is the result of the lack of understanding about the real meaning of the intertextual nature of academic production. Investigating the possible dialogue between the many layers of scientific text, this article intends to establish the distance between them and the practice of plagiarism or copying by the analysis of the construction of meaning from the reading and writing as an exercise of the *reading of world* and the dialogic process between the speeches and subjects.

Key words: plagiarism, intertextuality, academic production.



* **IVY JUDENSNAIDER** é economista e mestra em História da Ciência. Professora nos cursos de Administração de Empresas e Ciências Econômicas, coordena o curso de Ciências Econômicas da UNIP/Campus Marquês.

Considerações iniciais: a prática do plágio e da cópia e a responsabilidade diante do conhecimento gerado por outros

O plágio nos trabalhos acadêmicos nos chega sob diversas formas mas, em geral, é resultado ou da cópia pura e simples de texto de autoria alheia, sem a devida referência, ou da troca de palavras para escamotear a fonte original de um texto, criando “falsas paráfrases”. A penalidade para a sua prática é a recusa do trabalho (em geral quando o plágio é detectado por algum *software*¹) e, evidentemente, esse é um resultado que não resolve o problema. A questão que se coloca, acima de qualquer outra, é como ensinar² aos alunos a importância da produção acadêmica sem a recorrência ao plágio ou à cópia.

Essa tarefa passa, necessariamente, pela discussão do próprio conceito de autoria, cuja noção hodierna pressupõe, em qualquer texto, a existência de um ou mais autores: “o discurso nunca é constituído de uma única voz; é polifônico, gerado por muitas vozes, muitos textos que se cruzam e se entrecruzam no espaço e no tempo; resultado que flui para dentro do



leitor, passando a fazer parte da sua fala, de seus textos” (SILVA, 2008, p. 360).

Nenhum texto é construído por apenas um autor porque ele é resultado de camadas e camadas de outros textos, anteriores, que com ele conversam e dialogam. Não há, para o texto, qualquer possibilidade que não seja a de ser intertextual, já que ele sempre nos remete a outros. “Todo o texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em diversos níveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis” (BARTHES, 1974 *apud* CHAGAS, 2009, p. 134). O texto é resultado da soma entre “o elemento verbalmente exposto e os elementos contextuais advindos das relações sociais e históricas dos sujeitos na comunicação” (FERREIRA, 2008, p. 7). Isso significa, evidentemente, que quanto mais se lê, mais sentido se pode atribuir aos textos lidos; significa que quanto maior o repertório do sujeito-leitor, maior a possibilidade de diálogo com outros textos e outras ideias.

Em relação às práticas de plágio ou de cópia, é fundamental, portanto, o reconhecimento da necessidade de “construir e dialogar com o conhecimento gerado por outros, (...) não nos eximindo da responsabilidade de reconhecer os méritos intelectuais dos outros e tampouco nossa responsabilidade diante de nossas próprias ideias” (GRECO, 2007, p. 120).

¹ Com a mesma intensidade com que facilitou a prática do plágio, o desenvolvimento tecnológico também nos minuciou de instrumentos para identificá-lo. No entanto, é importante um alerta: geralmente, os *softwares* “iluminam” trechos que são coincidentes a outros já publicados: cabe ao docente, nesse caso, identificar as citações e as paráfrases que, quando corretamente realizadas, não configuram prática de plágio.

² Este trabalho privilegia a hipótese de o plágio ocorrer por incompreensão do seu significado; portanto, estaremos nos referindo, ao longo do texto, ao plágio e à cópia não intencionais.

A intertextualidade e o reconhecimento das inúmeras camadas que compõem um texto

Observe o quadro *Monalisa*³, pintado pelo italiano Da Vinci nos primeiros anos do século XVI. Há muita controvérsia a respeito do quadro, especialmente em relação ao nome da mulher que teria servido de modelo para Da Vinci; inclusive, alguns afirmam ser a obra um autorretrato de Leonardo, já que alguns traços aos dele se assemelhariam. Agora, observe a peça publicitária de um fabricante de produto de limpeza⁴: o texto que acompanha a imagem do garoto-propaganda vestido como *Monalisa* diz: “Mon Bijou deixa sua roupa uma verdadeira obra prima”.

Seria possível entender o conteúdo da peça publicitária sem que se conhecesse a famosa pintura de Da Vinci? Talvez sim. No entanto, o sentido maior do conteúdo estaria perdido: tratando-se de uma referência a uma obra prima, não ficaria clara a relação entre o sabão, o personagem vestido de *Mona Lisa* e o texto que acompanha a imagem.

Preste atenção em outro quadro de Da Vinci, *O Homem Vitruviano*⁵, pintado na década final do século XV. Essa obra, igualmente discutida e debatida por cientistas das mais variadas áreas do conhecimento, pretendia discutir as dimensões ideais do corpo humano do ponto de vista matemático. No desenho, pode-se perceber a preocupação do pintor com razões matemáticas entre partes do corpo e o corpo visto como

um todo, e entre as diferentes perspectivas de movimento possíveis de serem identificadas. Preste atenção, agora, na releitura da obra de Da Vinci: o homem vitruviano não é mais o homem perfeito e matematicamente proporcional, mas Homer Simpson⁶, personagem de um desenho animado. Seria possível apreciar a figura de Simpson disposto como o *Homem Vitruviano* sem a referência da obra de Da Vinci? Talvez, mas, exatamente como no exemplo anterior, perder-se-ia a maior parte do significado da releitura. Afinal, Homer Simpson é o protótipo do fracasso: péssimo pai, trabalhador preguiçoso e incompetente, marido desinteressado, amigo egoísta e ausente. Apresentado como símbolo de “perfeição” e “correta proporcionalidade”, o *Homem Vitruviano* adquire outros significados. Não à toa, nas mãos e pés de Simpson encontramos os signos que o tornam tão “moderno”, tão “caótico” e tão simbólico do mundo em que vivemos: a cerveja, o cachorro-quente, o controle remoto da televisão e o doce. Essa é a matemática proporção moderna que o autor do desenho de Simpson nos propõe, e essa atribuição de significado seria impossível sem a referência da obra na qual o desenho se inspirou.

Analisemos mais um exemplo de intertextualidade, dessa vez entre uma obra de arte e o cinema. Partiremos de *A Criação de Adão*⁷, obra de Michelangelo de 1511, que embeleza a Capela Sistina. Muitos são os pesquisadores que descobriram

³ Disponível em <http://www.brasilecola.com/imagens/artes/monalisa1000.jpg>. Acesso em 25.07.2011.

⁴ Disponível em [http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/cadernoo09-02\(2\).gif](http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/cadernoo09-02(2).gif). Acesso em 25.07.2011.

⁵ Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c5/Anatomia_homem_leonardo.jpg. Acesso em 25.07.2011.

⁶ Disponível em <http://thewhimsiad.ca/wp-content/uploads/2009/12/lgsb0015+da-vincis-vitruvian-man-homer-simpson-the-simpsons-art-print.jpg>. Acesso em 25.07.2011.

⁷ Disponível em http://www.wga.hu/art/m/michelan/3sistina/1genesis/6adam/06_3ce6.jpg. Acesso em 25.07.2011.

desenhos anatômicos escondidos em detalhes da obra, especialmente rabiscos do que seriam partes do cérebro humano. Michelangelo era um profundo estudioso de anatomia e poderia ter tentado, dentro dos limites impostos pelo seu tempo (que entendiam como sacrílego o trabalho de dissecação), “esconder” suas descobertas no desenho da Criação. Outro aspecto chama a atenção: não há, no texto bíblico, qualquer referência à cena criada por Michelangelo. Afinal, o Homem teria sido feito de barro e, posteriormente, recebido de Deus o sopro da vida. Em qual momento os dedos de ambos se tocam?

Vejam agora uma das fotos da campanha publicitária do filme *ET, O Extraterrestre*⁸ (dir. Steven Spielberg, 115 minutos, 1982). O enredo do filme é simples: um alienígena é encontrado e protegido por um garoto e seus amigos. A cena retratada na imagem mostra o momento em que os dois, cada um buscando superar o próprio medo, se tocam. Embora seja possível admirar a imagem mesmo sem saber da referência que se faz à obra de Michelangelo, é evidente que o desconhecimento da Criação de Adão impede uma leitura mais rica em significado. Sem esse conhecimento prévio, não haveria como se perguntar: no encontro entre o Homem e o Extraterrestre, quem sopra ao outro a vida e o conhecimento? Quem é o Criador e quem é a Criatura?

A discussão acima nos remete à conclusão: nenhum texto nasce só, não existindo, portanto, “pureza” textual. As várias formas em que a intertextualidade ocorre – como citação,

alusão ou estilização – resultam em plurissignificação, construindo a polissemia e a polifonia de todo texto. Assim sendo, construir um texto a partir do diálogo com outros textos não equivale à apropriação indevida da obra de outrem, caracterizando-se tão-somente como dialogismo entre discursos e sujeitos.

A intertextualidade no texto científico: as paráfrases, as citações e os equívocos

Enquanto no mundo das artes, ou nas manifestações do cotidiano, a intertextualidade não precisa ser explicitada, tal não ocorre no ambiente acadêmico. Ao se fazer ciência e ao se (re)produzir conhecimento, todas as referências precisam ser dadas: o caminho percorrido por outros deve ser respeitado e referendado, mesmo porque faz parte do fazer científico o recaminhar pelas trilhas anteriormente trilhadas.

Esse trajeto exige a sinalização e a identificação de todas as camadas de texto que o compõe, sob o risco de acusação de plágio ou de outra qualquer forma de apropriação intelectual indevida: se a ciência se constrói a partir de trabalhos anteriores, esse processo deve ser inequivocamente visível. É bem provável que da incompreensão dessa necessária transparência surja a maior parte dos problemas quando da construção do texto científico, bem como a perplexidade dos alunos apanhados plagiando um texto ou um autor: “embora possa parecer incompreensível para muitos, atualmente não são poucos os estudantes universitários que não entendem do que os acusa o professor quando indicado plágio em seu trabalho acadêmico” (GRECO, 2007, p. 119). Se o diálogo entre discursos e sujeitos está construído a partir de citações e

⁸ Disponível em http://3.bp.blogspot.com/_Swh1Zrk-rhc/TQfwaDmL02I/AAAAAAAAANA/nxioN-Km-0M/s1600/et-oextraterrestre_1.jpg. Acesso em 25.07.2011.

paráfrases (as formas de intertextualidade mais comuns quando da produção científica),⁹ por que então a acusação de plágio?

Tentemos esclarecer a questão: um texto que apenas “costura” uma sequência de citações não pode ser considerado fruto do trabalho de quem pretendeu construir um texto, já que a seleção dos trechos a serem citados é obra de quem leu e compreendeu. Ler é compreender, e a compreensão requer a construção de significado. Segundo Krás (2008), a leitura é um processo que envolve “fatores linguísticos (a contribuição do texto) e extralinguísticos (decorrentes do conhecimento prévio e das vivências do leitor e do autor)” (*idem*, p. 2). Por meio da leitura, o leitor selecionará o que é relevante, formulará hipóteses explicativas, estabelecerá conexões com o já lido/visto anteriormente, preencherá lacunas. Para que isso ocorra, portanto, não é suficiente que o leitor junte letras, formando palavras, ou junte palavras, formando sentenças: essa é uma atividade necessária, mas não suficiente. Da mesma forma, não é suficiente “juntar” uma série de citações, já que isso não caracteriza um processo de diálogo. Se o texto resulta numa sequência de citações, não há porque supor qualquer intervenção do sujeito do conhecimento.

Por seu turno, parafrasear exige o exercício autoral oriundo da

⁹ A citação é uma dessas formas de diálogo intertextual na produção acadêmica: trazemos para o nosso o texto de outro autor. Geralmente, isso ocorre porque identificamos aquele texto como fundamental para a compreensão do nosso; porque, de maneira única, ele contém uma informação que necessitamos no trabalho. A paráfrase é outra forma, configurando-se como uma interpretação de algo já escrito, requerendo, portanto, além da menção à fonte, o julgamento e a marca de quem leu.

interpretação: aquele que constrói o texto científico deve perceber que os textos em que se apoia podem apresentar falhas na sua lógica; deve perceber que esses textos contêm vieses introduzidos pela posição ideológica de quem os escreveu; deve reconhecer seus próprios vieses ideológicos na produção textual, admitindo que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1989, p. 9).

Essa leitura da palavra da qual estamos falando não é apenas aquela precedida pela leitura do mundo, mas a que inclui “uma certa forma de ‘escrivê-lo’ ou de ‘reescrivê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (*idem*, p. 13). Ler, portanto, não pode prescindir a consciência de si mesmo como agente capaz de ler e modificar o mundo. Isso significa que a paráfrase não é a mera troca de palavras (a substituição por sinonímia é uma das formas mais equivocadas de entendê-la), da mesma forma que a citação não é mera colagem de trechos quaisquer: para a realização de ambas, é pressuposta a construção do conhecimento a partir de um sujeito do conhecimento ativo, capaz de ler, interpretar e modificar o mundo. Entender isso com clareza é o melhor mecanismo para evitar a produção textual maculada pelo plágio ou pela cópia.

Considerações finais: o papel dos educadores

O plágio ocorre quando aquele que está produzindo o texto não percebe que a autoria envolve posicionamento, exigindo do sujeito se perceber capaz, por meio da linguagem, de se constituir como alguém que “lê” o mundo e o interpreta, à sua própria maneira.

A construção do conhecimento a partir de camadas textuais implica na comunicação intertextual com o já produzido e, no caso do texto acadêmico, essas camadas textuais devem ser explícitas. A paráfrase mal feita e a “colcha de retalhos” são recursos dos que abdicam da condição de sujeito, dos que assumem a própria incapacidade de ler, criticar, interpretar e produzir conhecimento. Renunciando à competência de ler, renuncia-se também à competência de escrever. Na ausência do sujeito-leitor, é menor a possibilidade de surgir o sujeito-autor.

Aos que não se percebem senão como agentes passivos, não resta outra alternativa senão a cópia ou a colagem. Copiando e colando, limitam o seu repertório de conhecimento de mundo. Limitado o conhecimento de mundo, só lhes sobra continuar reproduzindo o que já está feito e dito.

Se nós, docentes, formos capazes de transmitir essa ideia aos alunos, estaremos avançando no trabalho de ensiná-los a produzir texto com autonomia, sem a recorrência à cópia ou ao plágio. A nós, educadores, cabe a tarefa de fazer com que eles se percebam agentes capazes de ler e transformar o mundo.

Referências

CHAGAS, Carmen Elena das. A intertextualidade na formação do leitor crítico. In: ANAIS DO CNLF, 13., 2009, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF volume 13 número 4**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2009. p.132-138. Disponível em http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/a_intertextualidade_na_formacao_de_um_leitor_carmen_elena.pdf. Acesso em 25.07.2011.

FERREIRA, Hilma Ribeiro de Mendonça. **A intertextualidade e seus desdobramentos em alguns gêneros textuais**. Extraído de <<http://filologia.org.br/>>. Disponível em http://www.filologia.org.br/iiijnflp/textos_completos/pdf/A%20intertextualidade%20e%20seus%20desdobramentos%20em%20alguns%20g%C3%AAneros%20textuais%20-%20HILMA.pdf. Acesso em 25.07.2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo). Volume 4.

GRECO, Lourdes C. Sifontes. El plagio en el contexto de la honestidad académica: ¿problema académico o problema de. **Revista Informe de Investigaciones Educativas**, [s.l.], v., n., p.117-123, 2007. Disponível em <http://biblo.una.edu.ve/ojs/index.php/IIe/article/view/549/530>. Acesso em 25 de julho de 2011.

KRÁS, Cléa Silvia Biasi. **Processos de compreensão em leitura e escrita**: leitura e prática. II Simpósio Internacional 2008 - V Forum Nacional de Educação 2008. Disponível em http://forum.ulbratorres.com.br/2008/mini_cursos_texto/M-CURSO%203%20-%20KRAS.pdf. Acesso em 25 de julho de 2011.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 13, n. 38, p.357-414. Maio/ago. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/12.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2011.